

Aulas de gramática: de enfadonhas a prazerosas

Centro de Ensino Universitário de Brasília.  
Faculdade de Ciências da Educação – FACE.  
Curso de Letras.

**Aulas de gramática: de enfadonhas a prazerosas.**

Rosicléia Cordeiro dos Santos.  
Brasília, novembro de 2005.

Centro de Ensino Universitário de Brasília.  
Faculdade de Ciências da Educação – FACE.  
Curso de Letras.

## **Aulas de gramática: de enfadonhas a prazerosas.**

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Letras pela Faculdade de Ciências da Educação do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, tendo como Professor-Orientador Maria Catharina Pires de Melo.

Rosicléia Cordeiro dos Santos  
Brasília, novembro de 2005.

Dedico este trabalho a toda minha família, que sempre me deu o suporte necessário para chegar ao final de mais uma etapa tão difícil, porém maravilhosa da minha vida.

Dedico, também, a todos os colegas, em especial Gilvânia, que sempre me ajudou nos momentos difíceis, motivando-me quando julgava necessário. Que ela possa trabalhar com gramática de uma forma bem especial, motivando seus alunos com todo o amor.

Agradeço a Deus, que sempre me deu a força e a coragem suficientes para lutar por um objetivo tão almejado e conseguir chegar a este momento de sensação vitoriosa. Sei que está apenas começando, mas como foi mencionado em todo trabalho, a força de vontade e a motivação podem fazer de uma pessoa determinada, alguém com sucesso profissional, que é o que pretendo ser.

Faço um agradecimento especial aos meus pais, Conceição e Sivaldo, que desde cedo me apoiaram no que foi preciso, incentivando-me sempre, mesmo nas dificuldades, e a meu marido, Mário, que também me deu um apoio enorme. Sem eles na minha vida eu não teria conseguido.

*Não existe nada mais fatal para o pensamento que o ensino das respostas certas. Para isso existem as escolas: não para ensinar as respostas, mas para ensinar as perguntas. As respostas nos permitem andar sobre a terra firme. Mas somente as perguntas nos permitem entrar pelo mar desconhecido.*

Rubem Alves.

## RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivos mostrar quais os recursos que o professor pode utilizar para desenvolver um trabalho mais eficiente com os alunos, estimulando-os a aprender gramática, tendo por base os PCNs de Língua Portuguesa; conduzir a reflexão sobre o funcionamento da linguagem e propor uma pedagogia que se contraponha ao ensino da gramática tradicional. É um trabalho que explicita a necessidade do ensino da gramática de uma forma prazerosa para os alunos, que a vêem como algo inalcançável. Tem como palavras-chaves: gramática, motivação, lúdico e professor, sendo que este último exerce um papel fundamental, pois é ele quem deve aliar os conhecimentos científico e teórico à prática, motivando seus alunos a querer, a sentir prazer em estudar gramática, não se esquecendo que uma aula dinâmica ajuda e auxilia no processo ensino-aprendizagem.

## SUMÁRIO

Introdução -----	08
Capítulo 1 - Importância do Ensino da Gramática ---	10
1.1 - Dificuldades do professor de Língua Portuguesa em dar aulas de gramática ---	13
Capítulo 2 - A motivação como fator importante para a aprendizagem da gramática. -----	20
2. 1 – O lúdico como influenciador na motivação do aluno. -----	28
Capítulo 3 – O que mais motiva o aluno para aprender Gramática. -----	34
Conclusão -----	42
Referências bibliográficas -----	45

## **INTRODUÇÃO**

Este trabalho consta de três capítulos que pretendem mostrar como o professor de Língua Portuguesa pode trabalhar com gramática de uma forma que estimule seus alunos a aprenderem esta disciplina tão complicada de se entender, enfatizando a importância de ensinar gramática, pois uma vez que o aluno a estuda, conhece melhor o funcionamento de sua língua materna.

O primeiro capítulo aborda a questão da importância do ensino da gramática, de uma forma contextualizada, e mostra que, estudando gramática, o aluno passa a usar suas habilidades lingüísticas de uma forma mais consciente. Também trata das dificuldades que o professor de Língua Portuguesa enfrenta para dar aulas de gramática, uma vez que é uma disciplina que não é bem aceita pelos alunos, por ter algumas contradições.

O segundo capítulo trata da motivação que o professor deve fazer para que seus alunos queiram estudar gramática, não se esquecendo de que a sua motivação enquanto professor é observada a todo o momento pelos alunos, por isso, deve estar motivado para, assim, transmitir essa emoção a eles, deixando claro que não trabalha por obrigação ou por dinheiro, mas por acreditar no fundamento do que está ensinando ou tentando ensinar.

Também está incluso o método lúdico como influenciador no processo de motivação, pois uma vez que o professor trabalha de uma forma dinâmica, utilizando jogos, brincadeiras, o aluno é capaz de aceitar e tentar entender os conteúdos

gramaticais, que tanto os afligem, além de trabalhar de uma forma prazerosa, que prenda a atenção dos alunos.

É preciso deixar bem claro que o lúdico é uma forma de conquistar a atenção dos alunos e não uma garantia de sucesso total com relação à aprendizagem. Cabe ao professor utilizar todos os recursos disponíveis para que o sucesso do ensino-aprendizagem aconteça.

No terceiro capítulo, será feito um questionário para saber quais as formas que o professor utiliza que mais estimulam os alunos a aprenderem gramática, sendo três questões objetivas e uma dissertativa, em que eles escreverão o que mais lhes chama atenção enquanto estudam gramática.

Alguns autores contribuíram para que essa pesquisa fosse feita e ajudaram a compreender melhor o processo de ensino-aprendizagem que deve estar sempre ao nosso tempo, como: Marcos Bagno, Mário A. Perini, Maria Helena de Moura Neves, Rubem Alves, entre outros.

## Capítulo - 1

### 1- IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA GRAMÁTICA.

Língua é a linguagem verbal utilizada por um grupo de indivíduos que constituem uma comunidade. (FARACO e MOURA, 2003: 16).

É um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos. (CELSO CUNHA e LINDLEY CINTRA, 2001: 01).

Linguagem é um conjunto complexo de processos que torna possível a aquisição e o emprego concreto de uma língua qualquer; é todo sistema organizado de sinais que serve como meio de comunicação entre os indivíduos. (CELSO CUNHA e LINDLEY CINTRA, 2001: 01).

Gramática é a disciplina lingüística que estuda os atos lingüísticos nos três níveis da linguagem distinguidos como o universal, que corresponde ao falar em geral, o histórico, que corresponde a uma língua histórica e o individual, que corresponde ao discurso ou texto. (EVANILDO BECHARA, 2002: 70).

De acordo com os conceitos acima atribuídos pelos autores, torna-se perceptível que, estudando gramática há o desenvolvimento da capacidade expressiva dos usuários da língua, isto é, tornam-se competentes para que possam empregá-la adequadamente nas várias situações de comunicação, o que implica o conhecimento dos diversos níveis de linguagem, quer seja o coloquial ou o culto. Também desenvolve o raciocínio e a capacidade de análise e reflexão da

língua, por isso, estudar gramática é estudar a língua e a linguagem, assim como conhecer a língua em si, sua forma e seu funcionamento.

Graças ao aprendizado da gramática, passamos a usar nossas habilidades lingüísticas de modo mais consciente, o que nos permite analisar o relacionamento entre as palavras, as orações, os períodos ou mesmo escolher e empregar o nível de linguagem mais adequado a um contexto.

Maria Helena de Moura Neves (2004: 128) trata da importância de ensinar gramática e o que representa trabalhar com ela em sala de aula:

Não é necessária muita argumentação para que se assegure – também nisso insisto – que ensinar eficientemente a língua - e, portanto, a gramática - é, acima de tudo, propiciar e conduzir à reflexão sobre o funcionamento da linguagem, e de uma maneira, afinal, óbvia: indo pelo uso lingüístico, para chegar aos resultados de sentido. Afinal, as pessoas falam - exercem a faculdade da linguagem, usam a língua- para produzir sentidos, e, desse modo, estudar gramática é por sob exame o exercício da linguagem, o uso da língua, afinal, a fala.

Essa fala da autora comprova que a escola não pode criar no aluno a falsa noção de que falar e escrever bem não têm nada que ver com gramática.

É importante salientar que a escola também não pode deixar que os alunos tenham a idéia - que a televisão vende sempre - de que estudar e ensinar gramática é estudar como se fala corretamente, para “fazer bonito por aí”, sendo

aprovado em concursos, vestibulares, sair-se bem profissionalmente, expressar-se corretamente, pois essas idéias a respeito de gramática são totalmente errôneas.

O domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua, como sistema simbólico utilizado por uma comunidade lingüística, são condições de possibilidade de plena participação social. Pela linguagem os homens e as mulheres se comunicam, têm acesso à informação, expressam e defendem pontos de vista, partilham ou constroem visões de mundo, produzem cultura.

Para os PCNs de Língua Portuguesa o professor deve trabalhar de uma forma diferente, contextualizando todos os conteúdos e trabalhando das mais variadas formas a fazer com que o aluno não perca o interesse pela matéria.

Assim, não se justifica tratar o ensino gramatical desarticulado das práticas de linguagem, por isso, deve-se ter claro, na seleção dos conteúdos de análise lingüística, que a referência não pode ser a gramática tradicional, pois ensinada de uma forma descontextualizada, tornou-se emblemática de um conteúdo estritamente escolar, do tipo que só serve para ir bem na prova e passar de ano.

A preocupação não é reconstruir com os alunos o quadro descritivo constante dos manuais de gramática escolar (por exemplo, o estudo ordenado das classes das palavras com suas múltiplas subdivisões, a construção de paradigmas morfológicos, entre outros) uma vez que o que deve ser ensinado não responde às imposições de organização clássica de conteúdos na gramática escolar, mas aos

aspectos que precisam ser tematizados em função das necessidades apresentadas pelos alunos nas atividades de produção, leitura e escuta de textos.

### **1.1- DIFICULDADES DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA EM DAR AULAS DE GRAMÁTICA.**

Continuar a prática secular do ensino da gramática normativa ou modificar sua prática a partir da contribuição da lingüística é um dilema que o professor de Língua Portuguesa vive hoje, apesar de a primeira opção ainda predominar no Brasil. No entanto, cabe ao professor, apesar de todas as dificuldades que depara pelo caminho, encontrar uma forma de trabalhar para fazer com que o aluno perceba a importância desta disciplina tão criticada.

Os procedimentos pedagógicos a serem utilizados em sala de aula são um ponto que há de merecer uma atenção maior, pois pouco aproveita do profundo conhecimento teórico que o professor venha a ter de sua disciplina, se lhe faltam as condições mínimas do saber didático-pedagógico que lhe permitam desvendar ao aluno o segredo de sua ciência.

O professor de língua portuguesa sente bastante dificuldade em trabalhar com a gramática, pois sua aplicação nem sempre respeita o que o aluno traz de seu conhecimento de mundo, de sua língua materna.

É uma situação que precisa ser revertida para que os alunos percam o receio da disciplina e parem de vê-la como algo incompreensível, inexplicável, ou

mesmo como “um bicho de sete cabeças”. É essa a maior dificuldade do professor – tirar da cabeça do aluno a idéia de que aprender gramática é algo desnecessário – uma vez que ela nos ajuda a decifrar alguns segredos da língua.

Esta dificuldade continua a partir do momento que o professor não queira ter trabalho, pois ensinar gramática de uma forma contextualizada exige mais pesquisa, mais esforço e criatividade, o que se subentende que dá mais trabalho.

Marcos Bagno (2004:67) compara as gramáticas normativas com um igapó, que na Amazônia é um trecho de mata inundada, uma grande poça de água estagnada às margens de um rio, sobretudo depois da cheia.

Enquanto a língua é um rio caudaloso, longo e largo, que nunca se detém em seu curso, a gramática normativa é apenas um igapó, uma grande poça de água parada, um charco, um brejo, um terreno alagadiço à margem da língua. Enquanto a água do rio/língua, por estar em movimento, se renova incessantemente, a água do igapó/gramática normativa envelhece e só se renovará quando vier a próxima cheia.

Por que será que autores tratam da gramática normativa desta maneira? Talvez seja pelo modo como ela é trabalhada, com autoritarismo, verdade absoluta, em que o aluno não tem o direito de questionar, pois como respondem alguns professores aos questionamentos feitos pelos alunos: “é certo porque assim que é o certo”, o que afasta o aluno da disciplina Língua Portuguesa, uma vez que para ele aprender esta disciplina é estudar somente gramática, e totalmente fora de contextualização.

Os alunos acabam comparando as aulas de Língua Portuguesa com as de História, Geografia, em que os mesmos questionam a origem dos fatos que os professores contam e estes têm como argumentar que é por meio de registros da época, entre outros.

Diante dessa questão surge a necessidade de trabalhar com os alunos, ensinando gramática de uma forma mais prazerosa, para, assim, facilitar o trabalho do professor, que estimulará, por meio de contextualizações, a aprendizagem da gramática.

Mário Perini (2003:49) diz o que, em sua opinião, está errado com o ensino da gramática. Para o autor, o ensino da gramática tem três defeitos: primeiro, seus objetivos estão mal colocados, pois muitos professores dizem e acreditam que o estudo da gramática é um dos instrumentos que levarão o aluno a ler e escrever melhor. Afirma que *“não existe um grão de evidência em favor disso; toda a evidência disponível é em contrário”*.

Quem explora muito bem esta questão como mito: “É preciso saber gramática para falar e escrever bem” é Marcos Bagno, em seu livro *Preconceito Lingüístico* (2004). O autor dá um exemplo de Carlos Drummond de Andrade que, apesar de suas qualificações enquanto escritor, também dá testemunho de sua perturbação diante do “mistério” das “figuras de gramática, esquipáticas” em seu poema “Aula de Português”.

***Aula de português***

*A linguagem  
na ponta da língua,  
tão fácil de falar  
e de entender.*

*A linguagem  
na superfície estrelada de letras,  
sabe lá o que ela quer dizer?*

*Professor Carlos Góes, ele é quem sabe,  
e vai desmatando  
o amazonas de minha ignorância.*

*Figuras de gramática, esquipáticas,  
Atropelam-me, aturdem-me, seqüestram-me.*

*Já esqueci a língua em que comia,  
em que pedia para ir lá fora,  
em que levava e dava pontapé,  
a língua, breve língua entrecortada  
do namoro com a prima.  
O português são dois; o outro, mistério.*

Será que por causa dessa dificuldade encontrada pelo autor, o mesmo pode ser considerado como um “ignorante”, ou não conhecedor da língua que usa? Com certeza, não. O mesmo deve ser pensado em relação aos alunos que não possuem domínio da gramática.

Em segundo lugar, apresenta que a metodologia adotada é seriamente inadequada, uma vez que, além do professor não ter argumentos suficientes para justificar o que está ensinando, ainda ensina o que o aluno não usa na realidade, como o caso do futuro do subjuntivo do verbo ver: *quando eu vir*, em que o aluno sabe que todos usam *quando eu te ver*.

Em terceiro lugar, indica que a própria matéria carece de organização lógica, o que não quer dizer que a gramática não tenha lógica, pois fala da matéria que se ensina nas escolas com o nome de “gramática”; não da gramática enquanto disciplina racional.

A gramática tradicional tenta nos mostrar a língua como um pacote fechado, um embrulho pronto e acabado. Mas não é assim. A língua é viva, dinâmica, está em constante movimento. E o professor também deve preferir ser uma “metamorfose ambulante, do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo”, como já nos ensinou Raul Seixas.

Mesmo diante de todas as dificuldades e contradições que há no ensino da gramática, o professor não precisa ter medo quando for dar aula de português, pois um professor de química, biologia, física ou história, por exemplo, sabe perfeitamente que muito do que ele está ensinando hoje pode vir a ser reformulado ou até negado amanhã por alguma nova descoberta, por algum novo avanço tecnológico que permitirá ver coisas que antes não se via, e provavelmente não será diferente com a Língua Portuguesa, em especial, a gramática.

Como afirma Bagno em *Preconceito Lingüístico* (2004:118): Toda ciência, para merecer esse nome, tem que ser um trabalho em andamento, uma construção ininterrupta, uma “obra aberta”. E a lingüística (dentro da qual se inclui a gramática) é uma ciência assim.

Por isso, é definitivamente necessário começar a conceber a gramática como uma disciplina viva, em revisão e elaboração constante. Para isso, é competência do professor de Língua Portuguesa ministrar aos seus alunos conteúdos capazes de levá-los à compreensão do mundo que o cerca, nos mais variados campos do saber, assim como oferecer subsídios ou para diretamente enriquecer a sua cultura nas áreas do saber, ou os estimulando a ler.

Para Bagno (2004:144): *“uma vez que a língua está em tudo e tudo está na língua, o professor de português é professor de TUDO”*. É uma frase que deixa bem claro o papel que o professor de Língua Portuguesa exerce na vida do aluno, pois quando qualquer outro professor tem dúvida em relação a algum assunto que não seja de sua disciplina, pede que o aluno esclareça com o professor de Língua Portuguesa.

Quem aborda essa questão é Maria Tereza Gonçalves Pereira, professora da UERG (2003: 246-247), pois para ela, o professor de Língua Portuguesa não é só professor de gramática. Tem de relacionar-se bem com Leitura, Literatura, Filosofia, Filologia, Sociologia, História, Geografia, Antropologia porque uma língua viva se funda em tudo isso, uma vez que é agente de cultura.

Para que isso aconteça de uma forma adequada, sem ter de ser formado em todas essas áreas, basta estar informado, atento ao que acontece ao seu redor, na sua cidade, no seu país, no seu mundo. E não precisa se alienar: é necessário habituar-se a fazer leituras sinceras e constantes dele mesmo e da vida, inserir-se no contexto.

O professor de Língua Portuguesa deve estar informado das exposições, filmes, peças teatrais, “shows” de sua cidade, ler jornal e revista, ver televisão, ou seja, “estar por dentro” do que acontece pelas diferentes formas em que se apresenta a Língua Portuguesa.

## Capítulo 2

### 2 - A motivação como fator importante para a aprendizagem da gramática.

Para os PCNs de Língua Portuguesa (1998: 22): Pode-se considerar o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa, como práticas pedagógicas, resultantes da articulação de três variáveis:

- o aluno;
- os conhecimentos, com os quais se opera nas práticas de linguagem;
- a mediação do professor.

Pode-se dizer que é a prática educacional do professor e da escola que organizam a mediação entre sujeito – aluno - e objeto do conhecimento. Por isso, nota-se com precisão a importância do papel do professor como influenciador da motivação no processo ensino-aprendizagem.

A palavra **motivar** significa despertar o interesse, desencadear ou provocar uma motivação. Com a motivação há a intenção de fazer com que o aluno esteja estimulado em uma aula de gramática.

Por isso, cabe ao professor planejar, implementar e dirigir as atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno, procurando garantir uma aprendizagem efetiva. Cabe também o papel de informante e de interlocutor privilegiado, que tematiza aspectos prioritários em função das necessidades dos alunos e de suas possibilidades de aprendizagem.

Para levar os alunos a querer aprender, é necessário criar um clima encorajador da sua iniciativa e auto-expressão que seja sensível às suas necessidades internas e perspectivas pessoais. A motivação não é resultado de treino ou instrução, ela pode ser objeto de socialização através de estratégias de ensino.

É tarefa do ensino selecionar estratégias, através das quais se possam socializar os alunos a desenvolverem propósitos, metas, expectativas, crenças e emoções que resultem em uma motivação positiva para a aprendizagem.

Apresentar desafios, promover curiosidade, diversificar planejamentos de atividades, propor fantasia, são exemplos de ações educativas favoráveis à motivação dos alunos.

Para os PCNs, organizar situações de aprendizagem supõe planejar situações de interação, nas quais os conhecimentos lingüísticos e discursivos sejam construídos, organizar atividades que procurem recriar na sala de aula situações enunciativas de outros espaços que não o escolar, considerando-se sua especificidade e a inevitável transposição didática que o conteúdo sofrerá, saber que a escola é um espaço de interação social onde práticas sociais de linguagem acontecem e se circunstanciam, assumindo características bastante específicas em função de sua finalidade, que é o ensino.

Os alunos vêm a escola como um local obrigatório, desejando que se torne um espaço de descobertas e experiências. Encaram as aulas, em especial as de gramática, e as avaliações, como a parte negativa de todo ambiente escolar, mas compreendem que tudo faz parte de um processo. Muitas vezes, este espaço da escola é demasiado fechado, pois se ensina conhecimentos rígidos sem dar espaço para questionamentos, reflexões, o que leva o aluno a ir à escola por obrigação, quando deve ir por estar motivado e demonstrar sentir prazer.

O professor, para desfazer esta situação, deverá descobrir o estilo de aprendizagem dos alunos e adaptá-lo às circunstâncias do ensino da gramática, tendo como função, criar situações experimentais para facilitar a invenção de seu aluno, e para tal, o ensino deve ser repensado em função de uma nova concepção da aprendizagem, que pode ser reforçada tendo presentes alguns aspectos sociais, como inteligência, estilos cognitivos, motivação de alunos, entre outros.

É fácil perceber que um indivíduo motivado procura novidade, entretenimento, satisfação da curiosidade, oportunidade para exercitar novas habilidades e obter domínio. E o professor de Língua Portuguesa deve ter isto em mente quando estiver trabalhando com gramática, pois existem conteúdos que o aluno nem sempre domina, o que faz com que o mesmo perca o interesse.

Diante disso, as ações do professor também são elementos informativos que definem o comportamento, o envolvimento, as estratégias de pensamento e o grau de esforço esperado dos alunos, pois se o professor os estimula com recursos que os agradam, estes mesmos aprenderão por gostarem do que estiverem

estudando ou por estarem interessados no assunto, e esquecerão a simples idéia de aprender por almejar altas notas, aprovação escolar ou agradar os pais.

O aluno motivado apresenta alta concentração de tal modo que perde a noção do tempo, os problemas cotidianos ou outros eventos não competem com o interesse naquilo que está desenvolvendo, busca novos desafios após atingir determinados níveis de habilidade e as falhas ocorridas na execução das atividades instigam a continuar tentando. Talvez tudo isso pareça utópico, mas é o que acontece quando o aluno se sente realmente motivado pelo professor.

O professor pode ter uma idéia, talvez pessoal, negativa e errônea a respeito de motivação. E o que pode induzir a este pensamento pode ser a idéia de que as condições contextuais são adversas, a ponto de frustrarem qualquer iniciativa nesse sentido, porém, em toda situação, seja ela complicada ou não, a motivação do aluno esbarra na motivação do professor, pois a ausência da motivação representa queda de investimento pessoal de qualidade nas tarefas de aprendizagem, uma vez que alunos desmotivados estudam pouco, são desatentos, ou seja, assimilam muito pouco.

O professor sempre deve demonstrar sentir prazer no que está fazendo, no que está ensinando, pois o aluno é capaz de perceber quando isso não acontece, o que pode desestimulá-lo, uma vez que, como já foi mencionado no capítulo anterior, estudar gramática é difícil, pois nem sempre é trabalhada de uma forma contextualizada, o que faz com que o aluno deixe de realizar determinada atividade por se sentir recompensado diretamente pela realização da tarefa.

Segundo Sueli Édi R. Guimarães (2001:52) o elogio pode ser uma maneira viável de comunicar aos alunos que o professor aprova e enaltece seu desempenho ou envolvimento com a aprendizagem. É uma forma de motivar o aluno, fazendo com que sua auto-estima cresça, assim como sua vontade de aprender cada vez mais.

O elogio deve ser apresentado ao aluno individualmente, de forma justa, simples, criativa, coerente com o desempenho, buscando salientar suas peculiaridades e provendo informações que favoreçam a percepção da competência. Além disso, deve-se enfatizar o esforço empreendido, o capricho e a persistência nos trabalhos ou o êxito obtido em tarefas difíceis.

Elogiar um aluno por ter aprendido um novo conhecimento fortalece seus sentimentos de eficácia e promove a autodeterminação, sustentando o interesse cada vez maior pela disciplina, em especial, a gramática. As ações do professor em situações de aprendizagem estão diretamente relacionadas com o padrão motivacional de seus alunos na medida em que podem favorecer um ambiente social controlador ou promotor de autonomia.

Os professores podem e devem explorar a poderosa força motivacional, pouco freqüente nas salas de aula, destacando o esforço pessoal como um valor importante, redirecionando o interesse dos alunos pelas notas, prêmios, resultados finais, entre outros.

Uma professora de Belo Horizonte (AMAE-educando, 1999:31-34) fala da motivação que fez com seus alunos para produzirem textos a respeito de folclore. Trata da produção de texto voltada para a vida real do aluno - em que o mesmo exercite sua criatividade, emitindo opiniões, e que produza textos que permeiem a sociedade, adequados às situações - e não para atender às expectativas do professor.

A professora levou os alunos para a biblioteca da escola e começou a conversar, induzindo-os a responderem com perguntas que fazia, até que ficassem à vontade para falarem.

De início, explicitou bem seu objetivo: “trocar idéias sobre o tema folclore”. Em seguida, perguntou se alguém sabia o que é folclore e recebeu algumas respostas como “folclore” é uma coisa velha”, “folclore é lenda,” “folclore é festa, comida típica e fantasia”, entre outras. Deixou que toda a turma participasse, o que fez com que demonstrassem bastante animação, se propondo a escrever.

Para tal, decidiram – alunos e professora – que teriam a preocupação de pensar em quem iria ler os textos, por isso fariam em quatro etapas:

- escrever tudo que viesse à cabeça;
- ler em voz alta para a turma, que poderia dar opiniões construtivas;
- hora da produção propriamente dita;
- cada um leria seu texto, silenciosamente, para fazer as revisões que julgassem necessárias (revisão).

Observariam os itens abaixo explicitados para os alunos, na conversa de planejamento da produção textual, como:

- paragrafação;
- letra maiúscula depois de ponto final;
- pontuação;
- texto com sentido(coerência).

Para a professora “a aula foi puro encantamento, produção e respeito mútuo”. “Participei efetivamente da mágica singular da criação”.

É uma experiência relatada com alunos da 4ª série do ensino fundamental, mas que pode servir de exemplo para todos os níveis de ensino, pois ouvir a opinião do aluno e deixar que ele crie de acordo com sua realidade, o estimula bastante não só em relação à produção de texto, mas à aprendizagem da gramática.

A falta de motivação é, sem dúvida, o maior obstáculo enfrentado por professores, administradores escolares e pais. Problemas comportamentais na sala de aula, freqüentemente, ou sempre, estão relacionados à falta de motivação. E essa é uma realidade que nós, professores, devemos mudar para fazer com que os alunos sejam mais motivados para aprender gramática.

É claro que o professor por si só não é capaz de transformar a realidade que extrapola a própria escola, mas sua competência como profissional da educação

é, sem dúvidas, um dos fatores de maior responsabilidade quando se pensa na melhoria da qualidade de ensino, por isso a principal idéia de motivação é capturar a atenção e a curiosidade do aluno e canalizar a energia deles para a aprendizagem.

Bagno, em Preconceito Lingüístico (2004:145) afirma que:

Ensinar bem é ensinar para o bem. Ensinar para o bem significa respeitar o conhecimento intuitivo do aluno, valorizar o que ele já sabe do mundo, da vida, reconhecer na língua que ele fala a sua própria identidade como ser humano. Ensinar para o bem é acrescentar e não suprimir, é elevar e não rebaixar a auto-estima do indivíduo. Somente assim, no início de cada ano este indivíduo poderá comemorar a *volta às aulas*, em vez de lamentar a *volta às jaulas!*

É muito bom pensar em voltar às aulas e saber que o aluno já vem motivado, pois o ano que se passou foi muito bom e deixou saudades. Talvez seja um sonho de todo professor, não só o de Língua Portuguesa, mas o mesmo deve propiciar momentos agradáveis em sala de aula para que isso aconteça de forma cada vez mais prazerosa e produtiva.

Para Rubem Alves (2005: 12) ser mestre é ensinar a felicidade, pois o que chamamos de disciplinas como Língua Portuguesa, Matemática, nada mais são que taças multiformes coloridas, que devem estar cheias de alegria, sendo assim, um deleite para a alma em que os alunos devem sentir o mesmo prazer que os professores. Caso não exista esse prazer, os professores serão fracassados em suas missões.

E acrescenta:

O mestre nasce da exuberância da felicidade. E, por isso mesmo, quando perguntados sobre sua profissão, os professores deveriam ter coragem para dar a absurda resposta: “Sou um pastor da alegria...” Mas, é claro, somente os seus alunos poderão atestar da verdade da sua declaração...

Daí a importância do professor trabalhar por amor ao que faz, pois o amor à profissão o torna um excelente profissional, uma vez que faz tudo com entusiasmo.

## **2 -1 O lúdico como influenciador da motivação do aluno.**

Trabalhar com o lúdico é uma forma de incentivar o aluno a querer aprender gramática, pois ele aprende de uma forma totalmente diferente das aulas com métodos tradicionais, em que a verdade absoluta é a do professor.

Lúdico é uma palavra que vem do latim *ludu*, e quer dizer jogo. É referente a divertimentos, passatempos, jogos, enquanto componente do comportamento humano.

Para Fernanda Harmitt Machado (2004: 176) a definição do termo lúdico é uma tarefa muito complexa devido à extensão de sua abrangência, podendo referir-se a sentimentos de satisfação, prazer, divertimento, diante de atividades lúdicas

como: reconhecer o lúdico como expressão cultural, permeada de brincadeiras, jogos e espaços lúdicos.

Reconhecer o lúdico como expressão cultural, permeada de significados, inserida nas práticas escolares e compreendê-lo como manifestação integrante da cultura escolar, é importante para destacar sua expressão não só no contexto da sala de aula, mas em um espaço mais amplo, no qual se estabelece todo e qualquer tipo de relação humana.

É preciso pensarmos que as diversas práticas escolares contribuam para uma formação prazerosa, criando um ambiente favorável a todas as manifestações.

A compreensão do lúdico nos leva a pensar e tentar compreender o outro como sujeito portador dos mesmos direitos e deveres, de sonhos, desejos, necessidades e a respeitar a diversidade que se encontra reunida no tempo e espaço escolar.

Ao compreender a brincadeira e a diversão como manifestações lúdicas importantes no processo educativo de crianças e adolescentes, o professor colabora com o repensar do próprio uso do tempo pelo aluno. Com isso, o que seria considerado uma perda de tempo ou uma brincadeira fora de hora, pode ser uma maneira de reavivar a sensibilidade que nos possibilita encontros alegres e festivos e é necessária à formação humana.

Assim, é possível que dever e prazer sejam conjugados e vivenciados na sala de aula, não havendo maior valorização de um em detrimento do outro.

Todos os conhecimentos devem ser igualmente vivenciados pela escola de maneira construtiva e criativa. Dessa forma, é possível haver manifestações lúdicas no contexto escolar.

Glênia Oliveira Bustamante (2004: 67) afirma que:

Percebemos que uma educação que busca favorecer a expressão lúdica e incorporar valores que diferem de uma formação “séria”, rígida e essencialmente técnica, depende de diversos fatores, tais como o homem, a brincadeira, o trabalho, por parte de todos que se inserem na escola. No entanto, notamos que as transformações podem partir de nossas pequenas ações na sala de aula, ao compreender nossos alunos como sujeitos ativos no processo de construção do conhecimento.

O professor deve propiciar uma intervenção didático-pedagógica que ofereça aos alunos experiências de aprendizagem prazerosas e alegres que possam levá-los a conhecer o mundo, o outro e a si mesmos, questionando, criando e vivenciando culturas crítica e criativamente.

O professor Paulo Sérgio Emerique (2004:04) nos mostra que diante dessa abordagem, o lúdico poderia ser, então, ocasião de se lidar com a segurança e o incerto, o medo e a coragem, a perda e o ganho, o prazer e o desprazer, o sério e o cômico, a objetividade e a subjetividade, enfim, uma oportunidade de ensinar e aprender sobre a vida.

O lúdico tem sua importância como meio privilegiado de expressão e de aprendizagem, reconhecendo não haver nada significativo na estruturação e no desenvolvimento de um aluno.

As atividades lúdicas exercem grande influência sobre o desenvolvimento da criatividade e uma das maneiras de trabalhar esse desenvolvimento é a utilização de jogos e brincadeiras, exaltando os aspectos lúdicos que podem estar presentes nessas atividades.

Diante disso, percebe-se que há uma estreita relação entre o lúdico e a criatividade, considerando os aspectos do divertimento e suas conseqüências sobre o emocional humano, bem como suas características integrativas, como um instrumento que proporcione situações e desencadeie ações favoráveis ao desenvolvimento do pensamento criativo como diferencial humano.

Para justificar a importância da interferência dos aspectos lúdicos sobre o desenvolvimento da criatividade, basta refletir sobre uma de suas características básicas, o divertimento, carregado de sensação e bem-estar.

As atividades lúdicas reforçam o potencial associativo do aluno, em função de proporcionar a possibilidade de estabelecimento de relações entre situações reais e imaginárias, ajudando a criança a viver processos reais, por meio de adequação de sistemas mentais estabelecidos em atividades simbólicas.

Ao se trabalhar com o lúdico utilizando jogos e brincadeiras, tendo como objetivo desenvolver habilidades criativas no aluno, nota-se a possibilidade do despertar, do surgimento da sensação de satisfação e do estímulo à integração e à socialização.

O ser humano satisfeito com as sensações decorrentes das ações a ele propostas, intensifica sua dedicação para o alcance dos objetivos das atividades com mais freqüência e as internaliza com mais facilidade, e é isso que acontece com um aluno estimulado por alguma atividade lúdica, por isso, a idéia de trabalhar com gramática, motivando os alunos com atividades lúdicas, para estimulá-los e ter os objetivos da aula alcançados sem que estes se sintam presos a conceitos ou a exercícios que já são enfadados.

O comportamento lúdico é inerente à criança, ao adolescente e ao adulto, manifestando-se de diferentes formas para cada grupo, por isso as atividades lúdicas também podem ser trabalhadas com adolescentes, de forma a induzir a imaginação e observação dos alunos.

Para Fernanda Harmitt Machado (2004:180):

O desenvolvimento da criatividade depende do esforço, dos elementos ambientais envolvidos, da exposição do indivíduo a situações criadoras, da melhor utilização dos recursos individuais, enfatizando potencialidades e abandonando situações e atitudes de conformidade.

Por isso, o professor deve se esforçar para deixar que seu aluno crie, mostre seu potencial e abandone tudo que a gramática nos mostra como pura regra, estimulando-o a refletir a respeito da língua.

## Capítulo - 3

### 3 - O que mais motiva o aluno para aprender gramática.

A metodologia utilizada pelo professor de Língua Portuguesa, em especial de gramática, tem um importante papel para o ensino, pois o aluno se sente motivado a aprender gramática, a querer estudar mais, à medida que o professor leva para a sala de aula meios que prendam sua atenção.

É claro que o professor exerce um papel de fundamental importância para a sala de aula, pois uma vez que não leva novidades aos alunos, estes se sentem enfadados com o ensino de gramática, perdendo toda vontade de aprender, de estudar, o que torna as aulas monótonas, cansativas, sem nenhum interesse, sendo trabalhado somente conceitos e regras impostas, totalmente fora de contextualização.

A escola deve organizar situações didáticas para que o aluno possa aprender novas palavras, por exemplo, e empregá-las com propriedade.

Os PCNs indicam algumas atividades que podem orientar o aluno na construção de relações lexicais, de modo a construir um conjunto de estratégias de manipulação e processamento das palavras. São algumas:

- explorar ativamente um *corpus* que apresente palavras que tenham o mesmo afixo ou desinência, para determinar o significado de unidades inferiores à palavra;

- aplicar os mecanismos de derivação e construir famílias de palavras;
- apresentar um conjunto de hipônimos e pedir ao aluno para apresentar o hiperônimo correspondente;
- identificar os termos-chave de um texto, vinculando-os a redes semânticas que permitam a produção de esquemas e de resumos.

Deve-se deixar bem claro que todos esses procedimentos precisam ser incorporados à produção textual e que não são apenas para estimular o uso de palavras difíceis ou raras, mas para apreciar as escolhas em função da situação interlocutiva e dos efeitos de sentido que se quer produzir, pois é entender que, ainda que se trate a palavra como unidade, muitas vezes ela é um conjunto de unidades menores (radical, afixos, desinências) que concorrem para a constituição do sentido.

Baseado na preocupação de saber se as aulas de gramática estão sendo de interesse dos alunos e se os professores de gramática estão trabalhando os conteúdos gramaticais de uma forma prazerosa para os alunos, foi feita uma pesquisa com 56 alunos, sendo 27 da 5ª e 29 da 8ª série, enfocando o lúdico como parte importante para o processo de ensino-aprendizagem.

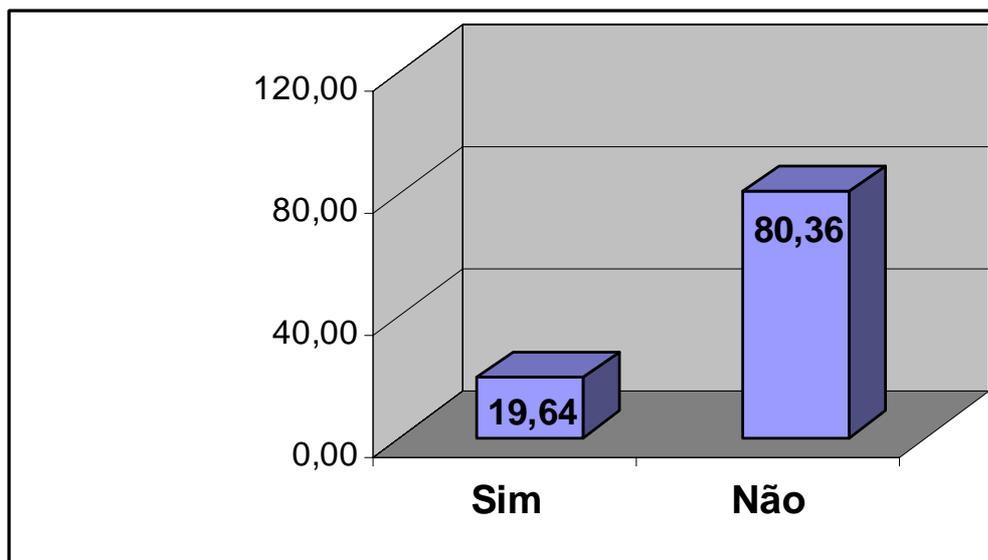
Nessa pesquisa, será possível saber se os professores estimulam seus alunos e, se estimulam, se estes demonstram entusiasmo com a utilização de jogos, do lúdico.

As perguntas utilizadas no questionário foram:

1. Você é acostumado a decorar regras para aprender gramática?

2. Caso faça uma prova no próximo mês, seria capaz de desenvolvê-la bem, estudando/decorando regras hoje?
3. Quando o professor utiliza jogos, dinâmicas, brincadeiras para ensinar gramática, você aprende mais?
4. No caso de afirmativo, quais as formas que seu professor de Língua Portuguesa utiliza para estimular a aprendizagem gramatical, em especial, a sua?

### Pergunta 01

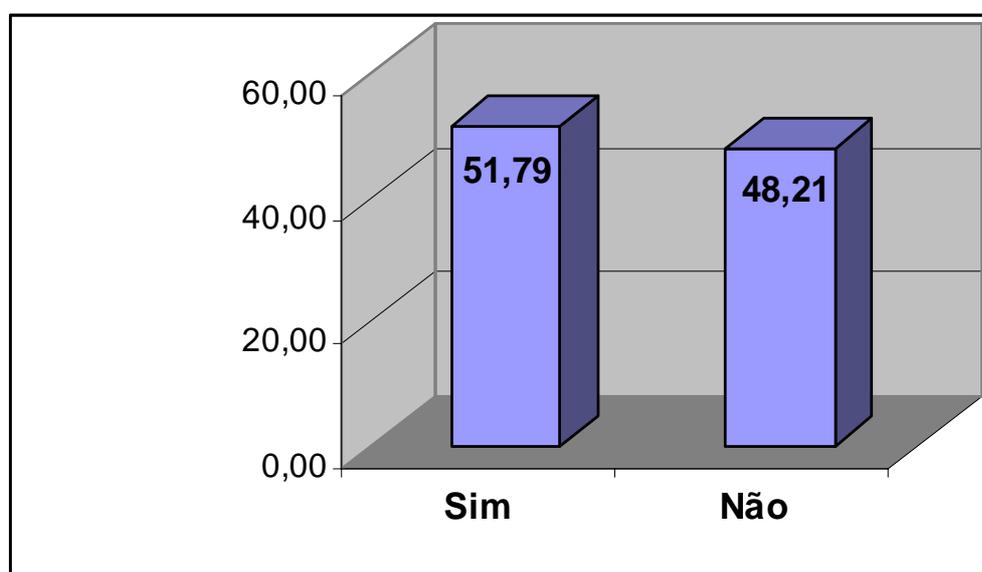


Para a primeira pergunta a maioria dos alunos respondeu que não é acostumada a estudar a gramática decorando regras, o que pode ser visto como algo positivo, ou seja, os alunos têm uma noção da forma que estudam e do que precisam fazer para estudarem.

A outra parte dos alunos respondeu que estuda decorando regras gramaticais, porém em uma quantidade bem menor, o que torna a pesquisa mais interessante.

Cabe ao professor de gramática propiciar momentos para que os alunos continuem com a idéia de não aprender gramática por meio de regras, pois para isso existem os textos que nos remetem a idéia de que trabalhar de uma forma contextualizada é bem mais prazeroso.

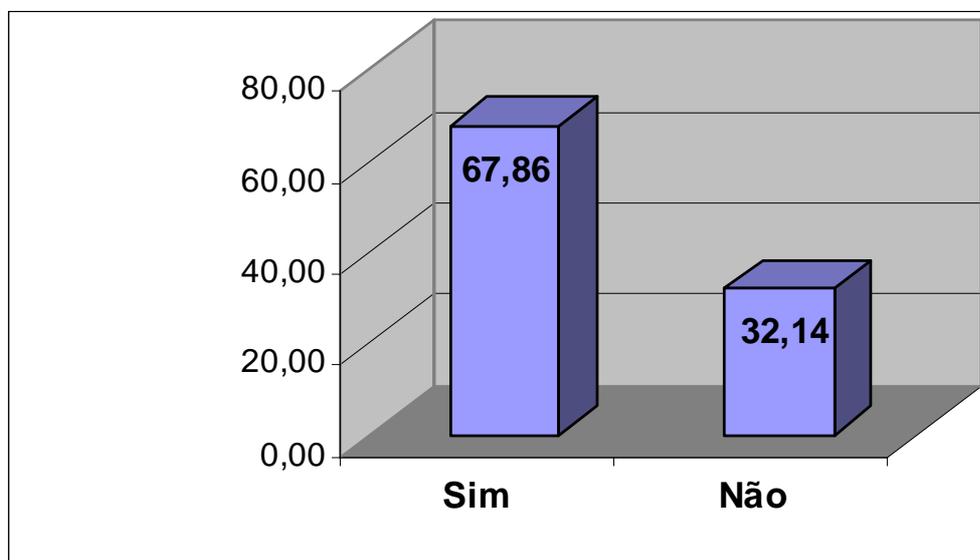
### Pergunta 02



A maioria dos alunos respondeu que sim, o que talvez mostre que os alunos estão mais acostumados a estudar com regras. É uma resposta meio contraditória, pois sabemos que, decorando regras, nem sempre as pessoas conseguem ter um bom desempenho ao fazer uma avaliação de gramática.

Os outros alunos responderam que não, já que decorar regras não os estimula a aprenderem gramática, pois mesmo quando não falam, sabem que não é necessário estudarem estas regras soltas, sem lógica. É uma realidade que, mesmo não falando, eles conhecem.

### Pergunta 03

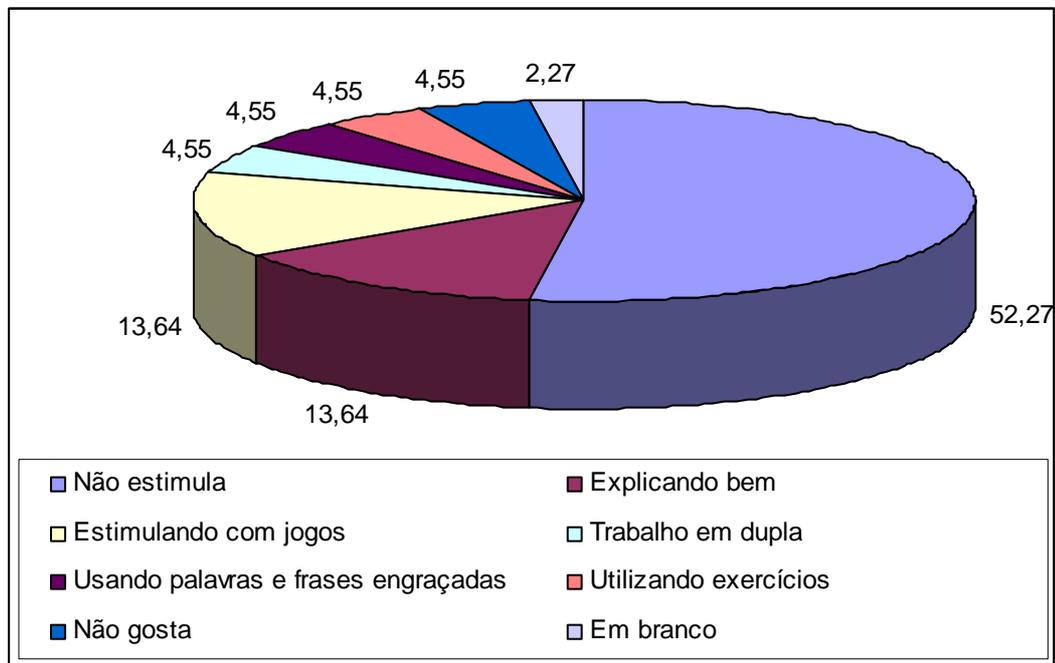


As respostas para o item 03 foram positivas, pois a maioria dos alunos, 67,86%, respondeu que aprendem mais quando o professor utiliza jogos, brincadeiras, enfim, dinâmicas para estimular o ensino da gramática. É algo que pode ser avaliado como muito bom, pois estas respostas comprovam o quanto os alunos se sentem motivados quando o professor utiliza jogos.

No entanto, outros responderam que não, alegando que o professor não utiliza de nenhum método que os estimule a estudar e gostar de gramática, o que faz com que seja uma realidade triste, caso ocorra de verdade.

Nós, professores de Língua Portuguesa, temos de propiciar cada vez mais momentos de descontração para que nossos alunos continuem com a idéia de que aprendem gramática com mais facilidade quando são estimulados com jogos, brincadeiras.

### Pergunta 04



Esta questão é de fundamental importância, pois é por meio dela que podemos realmente identificar quais as formas que o professor trabalha que mais fazem com que os alunos prestem atenção, aprendam a gramática.

Cada aluno teve a oportunidade de expor sua opinião em relação a essa questão, pois era totalmente individual.

Teve um resultado que não era esperado, pois a maioria dos alunos respondeu que o professor não estimula de nenhuma forma a aprendizagem da gramática, não recorrendo de nenhum jogo para chamar a atenção deles.

Em segundo lugar responderam que se sentem estimulados quando o professor utiliza frases e palavras engraçadas, além de jogos. Ambas as respostas tiveram a mesma porcentagem.

Alguns alunos responderam que são estimulados quando o professor explica bem, passa trabalho em dupla, utiliza exercícios e outros responderam que não gostam. Cada um teve 4,55% das respostas.

Apenas alguns alunos deixaram de responder ao último item, o que, talvez, possa comprovar a importância que eles dão à gramática, o que pode ocorrer devido à falta de motivação, estímulo.

Essa pesquisa, como foi mencionado no início do capítulo, tem o objetivo de descobrir quais as formas de estimular os alunos a aprenderem gramática. Ela nos permitiu perceber que o professor de Língua Portuguesa precisa estar mais atento às necessidades dos alunos, pois uma vez desestimulados, não conseguem produzir mais nada, principalmente se levarmos em consideração que a gramática já é um pouco complicada e por isso, merece uma atenção maior.

O professor não deve deixar que alguns livros como Gramática: nunca mais – o ensino da língua padrão sem o estudo da gramática, de Luiz Carlos de

Assis Rocha, em que o autor incentiva e estimula o ensino da língua padrão, porém abomina o uso da gramática (na verdade parece mais uma contradição ensinar língua padrão sem o uso da gramática), estejam corretos quando tratam da gramática como algo prejudicial aos alunos, por suas regras ilógicas, sem nenhum sentido.

O que o professor pode e deve fazer para que essa idéia não perpetue é não se esquecer jamais de estimular seus alunos e trabalhar de forma contextualizada, pois eles aprenderão de uma maneira mais agradável. Para ter certeza que essa afirmação é correta, basta voltar ao passado e lembrar de alguma aula que tenha chamado sua atenção, ou que tenha feito com que aprendesse mais, enquanto aluno do ensino fundamental ou médio.

Para que isso aconteça, é necessário que os jogos, as brincadeiras tenham cada vez mais o seu lugar defendido pelo conhecimento científico, entre as atividades de gramática e em todos os níveis de ensino, pois só assim, teremos alunos bastante estimulados com o ensino da gramática.

## CONCLUSÃO

A escola é o espaço em que o aluno terá o suporte para entrar equilibradamente na posse de conhecimentos que lhe possibilitarão adequação sociocultural de enunciados, em que ela terá suporte para transitar da competência natural do coloquial para uma posse ampla e segura, que lhe permita adequar seus enunciados nas diversas situações de enunciação.

Por isso, a gramática tem grande importância na condução da reflexão sobre a linguagem dos indivíduos, pois atinge o aluno e o professor, sendo que este último enfrenta a necessidade de equacionar com um mínimo de segurança o trabalho com organização gramatical da língua.

A gramática não deve, pois, ser desvinculada dos processos de constituição do enunciado, por isso a disciplina gramatical não pode reduzir-se a uma atividade de encaixamento em moldes que dispensem as ocorrências naturais e ignorem zonas de oscilação, inerentes à natureza viva da língua.

Estudar gramática é, ainda e infelizmente, algo que os alunos não vêem como gratificante. A matéria continua sendo vista pela maioria dos alunos como um “bicho de sete cabeças”, o que, infelizmente, pode causar algo ruim: os alunos não se esforçam para aprender gramática.

A motivação dada pelo professor é de fundamental importância, pois se o aluno é estimulado, demonstrará isso com frequência e facilidade.

Essa motivação não deve acontecer somente em sala de aula, pois o professor pode passar um trabalho em que haja pesquisa – no qual o aluno observará, pesquisará e aprenderá bastante – como pedir a eles para observarem em um determinado programa de televisão, como alguns personagens específicos conjugam os verbos, caso esse seja o conteúdo gramatical estudado no momento. O aluno estará assistindo a um programa que goste e ao mesmo tempo, estudando e pesquisando. Com certeza, o professor terá um retorno positivo, pois o aluno estará vivenciando algo que faz parte de sua realidade.

O professor deve saber que os jogos, as brincadeiras, também fazem parte da vida, por isso deve deixar com que esses momentos de diversão façam parte do seu contexto escolar, juntamente com seus alunos, para assim, estimulá-los durante as aulas de gramática.

Os jogos e as brincadeiras são elementos facilitadores no processo de ensino-aprendizagem, além de serem fontes de aprendizagem significativa para criar uma sociedade baseada em valores humanos.

Mas é preciso ter consciência que uma aula de gramática, em que o professor utiliza métodos lúdicos não apresentará uma solução para o ensino-aprendizagem, mas constitui em algo moderno e desafiador, pois faz com que o professor seja um pesquisador constante e presente, devendo ter em mente como delimitar os jogos, aplicá-los de acordo com a faixa etária, conhecer o grau de conhecimento e de interesse dos alunos, que serão os participantes ativos.

Pode até ser utópica a idéia de ensinar a gramática e conseguir fazer com que os alunos sintam prazer em aprendê-la, já que é vista como “coisa do outro mundo”, mas o professor tem suportes suficientes para fazê-lo e cabe a ele pesquisar, estudar e avaliar quais as formas que mais estimulam seus alunos.

Diante disso, é preciso ter consciência que o aluno deve ser o centro da construção do conhecimento e o professor, o mediador das atividades que estimulam o aluno a aprender gramática, praticando a leitura, a escrita, além de compreender a importância da transformação da prática sócio-educativa.

Se os professores continuarem demonstrando esse desinteresse em trabalhar com o ensino da gramática, realmente os alunos continuarão sem estímulo algum para estudarem ou mesmo prestarem atenção nas aulas que têm. Por isso, precisamos de educadores que aliem competência profissional, conhecimentos teórico e prático, à forte empatia e disponibilidade afetiva para poder interagir de forma cooperativa com o aluno, como em atividades próprias e jogos inteligentes.

**REFÊRÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. 9 ed, Campinas, São Paulo: Papyrus, 2005.
- AZEREDO, José Carlos de (organizador). *Língua Portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. 3 ed. Editora: Vozes.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito Lingüístico – o que é, como se faz*. 32 ed. Editora: Loyola, 2004.
- BECHARA, Evanildo. *Ensino da gramática. opressão? liberdade?* 11 ed, Rio de Janeiro: Editora Ática, 2002.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- MOURA & FARACO. *Gramática*. 19 ed. Editora Ática, 2003.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Que gramática ensinar na escola? norma e uso na Língua Portuguesa*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- PERINI, Mário A. *Sofrendo a gramática - ensaios sobre a linguagem*. 3 ed. Editora: Ática, 2003.
- PERINI, Mário A. *Para uma nova gramática do português*. 10 ed. Editora: Ática, 2001.
- PIRES, Diléa Helena de Oliveira. *Não à redação, sim à produção de textos*. AMAE educando. Junho de 1999, n 284, p 31-34.
- SCHWARTZ, Gisele Maria (organizadora). *Dinâmica Lúdica: novos olhares*. São Paulo: Manole, 2004.
- BORUCHOVITCH, Evely & BZUNECK, José Aloyseo. (org.) *A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.